

# OBSERVARE 2<sup>nd</sup> International Conference

2 - 3 July, 2014

## II Congresso Internacional do OBSERVARE

2 - 3 Julho, 2014



## Actas

Universidade Autónoma de Lisboa | Fundação Calouste Gulbenkian

<http://observare.ual.pt/conference>



## **Da Primeira Grande Guerra às guerras de quinta geração A transformação da guerra e as novas ameaças**

PEDRO Gabriel da SILVA BARATA<sup>1</sup>

JOÃO Carlos Lourenço da PIEDADE<sup>2</sup>

### ***Resumo***

O período entre a 1ª Grande Guerra e a 2ª Guerra Mundial representou uma alteração na ordem mundial, em parte devido à implosão dos Impérios Austro-húngaro, Russo, Alemão e Otomano, que fez emergir novos Estados ou levou à formação de alianças, com vista à invasão de outros estados. Era a guerra de atrição, com recurso ao confronto direto de exércitos em massa, como foi o caso da intervenção da França-Inglaterra na Guerra Civil russa. Por outro lado, a revolução industrial, a consequente modernização da tecnologia militar e a globalização, alteraram a natureza da guerra, demonstrando que a conflitualidade poderia alargar-se à escala global.

A 2ª Guerra Mundial representou um outro tipo de ameaça à soberania e ao sistema internacional - o desrespeito por quaisquer regras, o confronto de ideologias, os genocídios, o antissemitismo - desencadeando o aparecimento de organizações, como a Organização das Nações Unidas ou a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, normativo internacional regulador do comportamento dos Estados, no sistema internacional.

No mundo bipolar da Guerra Fria, dois blocos viveram em constante competição pela corrida e pela proliferação do armamento nuclear que, perante o receio de destruição mútua, de alguma forma pautou a constância e a previsibilidade das ameaças.

O fim da Guerra-Fria não significou, *per se*, um mundo mais estável ou seguro; se por um lado o espectro da catástrofe nuclear parecia afastado, novas ameaças surgiram no seu lugar. A emergência dos nacionalismos e das hostilidades, étnica e religiosa, o ressurgimento do racismo e da xenofobia e a multiplicação dos conflitos localizados, evidenciaram a componente de instabilidade introduzida pela decadência das velhas superpotências, tendo sido os seus efeitos ampliados pela globalização e pelas redes da Era da Informação. Neste sistema internacional, outros intervenientes, que não os Estados, usurparam o uso da violência, a tecnologia desempenha um papel dominante, e o próprio conceito de segurança alarga-se a outras dimensões, para além da militar.

Pedro Barata – Capitão-Tenente na Marinha Portuguesa. Especializou-se em Hidrografia em 2001, na Escola de Hidrografia e Oceanografia do Instituto Hidrográfico. Licenciado em Ciências Sócio Militares Navais e Mestre em Estudos da

---

<sup>1</sup> Capitão-tenente, Oficial da Marinha, Comandante do navio hidrográfico N.R.P. D. Carlos I, Mestre em Estudos da Paz e da Guerra nas Novas Relações Internacionais, E-mail: [silva.barata@marinha.pt](mailto:silva.barata@marinha.pt)

<sup>2</sup> Capitão-tenente, Oficial da Marinha, docente no Instituto de Estudos Superiores Militares. E-mail: [lourenco.piedade@marinha.pt](mailto:lourenco.piedade@marinha.pt)

Paz e da Guerra nas Novas Relações Internacionais tem como área de interesse os estudos de segurança no espaço pós-soviético, em particular na região do Cáucaso do Sul. Atualmente é Comandante do Navio Hidro-Oceanográfico N.R.P. “D.Carlos I”.

João Piedade – Capitão-Tenente na Marinha portuguesa. Especializou-se em guerra anti-submarina em 2004, na Escola de Operações da Marinha. Licenciado em Ciências Sócio Militares Navais e pós-graduado em Ciências Militares – Segurança e Defesa. Possui um extenso currículo operacional, no mar e em terra, do qual se destacam a participação em operações de evacuação de não-combatentes, operações de combate à pirataria. No desempenho de funções em terra, liderou a secção de *Anti-Submarine Warfare Development and Tactics* no Centro de Instrução e Tática Naval, e foi o *Portuguese Subject Matter Expert for Anti-Submarine Warfare* no âmbito da NATO. Atualmente é docente no Instituto de Estudos Superiores Militares.

“*War is more than a mere chameleon that slightly adapts to its characteristics to the given case.*”(Carl Von Clausewitz in “On War”)

A natureza da guerra, assunto abordado em pormenor por Clausewitz no seu livro “*On War*”, é algo que se tem mantido perene ao longo dos tempos: é contextualizada no tempo e no espaço, tem uma dimensão política, humana e de incerteza, constituindo-se como um confronto de ideias (McMaster, 2013)<sup>3</sup>. No entanto, de acordo com Colin Gray, as características de qualquer guerra estão intrinsecamente ligadas aos contextos sociais, políticos, económicos, geográficos, geopolíticos, humanos, culturais e históricos, tornando-as únicas - diferentes níveis de intensidade, diferentes objetivos, diferenças na interação com o inimigo, de tecnologia utilizada, entre outros fatores (Gray, 2010:7-8). Existe também outro tipo de abordagem, holística, como a de Barry Buzan, para quem a segurança nacional dos Estados constitui a raiz da guerra, atribuindo a sua natureza à insegurança provocada pela combinação de ameaças à segurança política, económica, militar, ambiental e societal (Buzan, 1983:75-83). No que diz respeito à forma de fazer a guerra - os meios para lograr os fins - tem sofrido alterações ao longo dos tempos, não só ao nível do tipo de armas a empregar, como também da doutrina, do treino, da liderança, da organização e do carácter dos militares para a conduzir, influenciando assim a estratégia a implementar (Dubik, 2002:2)<sup>4</sup>.

O fim da Guerra dos Trinta Anos e a paz que se seguiu - a Paz de Vestefália - significou o culminar da confrontação de índole religiosa que dilacerou o continente europeu, introduzindo no sistema internacional a multipolaridade com estruturas hierarquizadas de acordo com a legitimidade divina e com a unidade religiosa (Tutuianu, 2013:44). Surgiram os Estados soberanos como autoridade do emprego da força e do monopólio da arte de fazer a guerra, em detrimento da anterior confrontação entre famílias, tribos, religiões ou cidades (Lind, 2004a:12), com a capacidade de legislar, de cobrar impostos, de mobilizar militarmente e de estabelecer alianças (Moita, 2012:29-30). Mais tarde em 1815, no pós-Revolução Francesa, o Congresso de Viena (o chamado Concerto da Europa), através de um conjunto de alianças, reorganizou o sistema internacional segundo o princípio de *balance of forces* e de *concert of powers*, lançando diversos conceitos: o Estado como o principal ator no sistema internacional - independente, íntegro e soberano - a igualdade entre Estados e a possibilidade do uso exclusivo da força, por parte dos Estados, na prossecução dos seus interesses (Tutuianu, 2013:47). O período entre a 1ª Grande Guerra e a 2ª Guerra Mundial representou uma alteração na ordem mundial, em parte devido à implosão dos Impérios Austro-húngaro, Russo, Alemão e Otomano, que fez emergir novos Estados ou levou à formação de alianças, com vista à invasão de outros estados. Era a guerra de atrição com recurso ao confronto direto de exércitos em massa, como foi o caso da intervenção da França-Inglaterra na Guerra Civil russa. Por outro lado, a revolução industrial, a consequente modernização da tecnologia militar e a globalização alteraram o carácter da guerra, demonstrando que a conflitualidade poder-se-ia alargar à escala global.

---

<sup>3</sup> In “*The geopolitical lessons of the Iraq War*”, citado por H.R. McMaster em *Nature and Character of War and Warfare*

<sup>4</sup> Na altura em que escreveu este artigo (2002) James Dubik era Major General do Exército dos EUA, a exercer as funções de Comandante da 25ª Divisão de Infantaria no Hawaii.

A 2ª Guerra Mundial exibiu um outro tipo de ameaças à soberania e ao sistema internacional - o desrespeito por quaisquer regras, o confronto de ideologias, os genocídios, o antissemitismo - desencadeando o aparecimento de organizações como a Organização das Nações Unidas ou a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, normativo internacional regulador do comportamento dos Estados no sistema internacional.

No mundo bipolar da Guerra Fria, dois blocos - a NATO e o Pacto de Varsóvia - viveram em constante competição pela corrida e pela proliferação do armamento nuclear, sendo que o receio pela destruição mútua, pautou de alguma forma, a constância e a previsibilidade das ameaças.

O fim da Guerra-Fria não significou, *per se*, um mundo mais estável ou seguro. Se por um lado o espectro da catástrofe nuclear parecia afastado, novas ameaças surgiram no seu lugar. A emergência dos nacionalismos e das hostilidades étnica e religiosa, o ressurgimento do racismo e da xenofobia e a multiplicação dos conflitos localizados, evidenciaram a componente de instabilidade introduzida pela decadência das velhas superpotências, tendo os seus efeitos sido ampliados pela globalização e pelas redes da Era da Informação. Neste sistema internacional, outros intervenientes, que não os Estados, usurparam o uso da violência, a tecnologia passou a desempenhar um papel dominante, e o próprio conceito de segurança ganhou outras dimensões para além da militar.

Cem anos passados sobre a eclosão da Primeira Grande Guerra, este artigo pretende analisar de que forma o fenómeno da guerra evoluiu desde o estabelecimento da Paz de Vestefália, considerada por inúmeros autores como o momento que assinalou o início da guerra moderna. Assim, procurar-se-á responder à seguinte questão: De que forma evoluiu a guerra, a natureza das ameaças e a forma de as combater? Para o efeito, e admitindo que a natureza da guerra se mantém inalterada - a guerra é um fenómeno social - serão identificadas as transformações ocorridas na condução da guerra, no que respeita aos atores envolvidos, às ameaças existentes e às táticas, técnicas e procedimentos utilizados.

Na opinião dos autores, a guerra tem uma natureza perene, alterando-se o seu carácter em função das transformações que se verificam na forma de combater, por quem se combate ou quem combate (figura 1). Estes três fatores funcionam como três campos magnéticos ligados entre si: quando um se move, os restantes também se alteram. As transformações são impulsionadas por alterações significativas da organização político-social ou alterações de tecnologia, com impacte na organização das forças armadas ou na forma de combater.

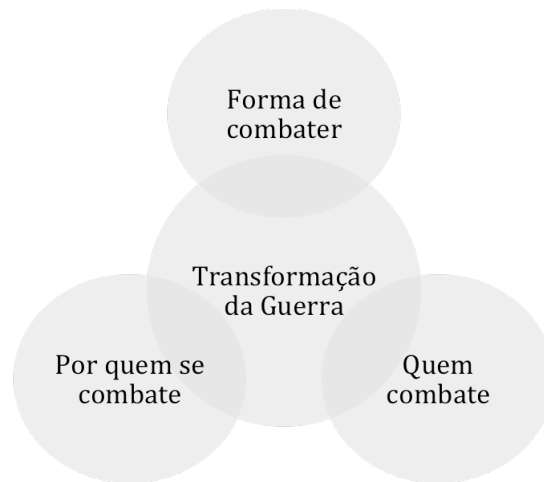


Figura 1 - Transformação da Guerra

### **Os modelos da guerra moderna. Principais características e formas de a conduzir.**

*“The purpose of fighting is not to win a military victory...Rather the purpose of fighting is to secure a better peace than one enjoyed before”<sup>5</sup> (Colin Gray).*

Segundo Clausewitz, a guerra é “*um ato violento imposto ao nosso inimigo para fazer valer a nossa vontade*”<sup>6</sup>. No século XIX, a guerra era vista por Clausewitz como uma trindade de atributos (e não atores): a paixão, a probabilidade e o acaso, e a razão. Clausewitz associava esses atributos a três atores intervenientes na guerra: a paixão com a população, a probabilidade e o acaso com os generais e as suas Forças Armadas, e a razão com o Estado e a direção política da guerra (Strachan, 2007:28). Considerava ainda a guerra como um instrumento da política do Estado – *A continuação da política por outros meios*. Nas palavras de Donald Kagan, grande parte das guerras têm a sua origem não nos interesses dos seus intervenientes, mas sim, no receio que têm de ser atacados, por verem o seu orgulho ferido, ou por força de uma perceção errada do potencial do seu opositor e das suas intenções (Kagan, 1998). Assim sendo, como terá evoluído a condução da guerra? Será ela motivada pela introdução ao longo dos tempos das novas tecnologias? Segundo James Dubik sim, na maior parte das ocasiões as tecnologias são primeiramente aplicadas na tentativa de melhorar os métodos de combate existentes; no entanto, os novos métodos só surgem depois da sua implementação (Dubik, 2002:1-2). Todavia, o mesmo autor defende, que embora a tecnologia seja um fator importante na determinação da mudança da condução da guerra, não constitui, *per se*, um fator de mudança no carácter da guerra (*Ibid*:6).

As guerras da primeira geração - período compreendido entre o Pós-Paz de Vestefália até à Guerra Civil Americana (1861-1865) - caracterizavam-se por serem conduzidas por exércitos nacionais de conscrição, contrariamente ao que sucedera anteriormente, onde as guerras eram conduzidas por grupos de nobres e por mercenários contratados pelas partes envolvidas no conflito, mais ou menos fiéis à coroa, em função da quantidade de ouro recebido em troca. A condução da guerra fazia-se em movimentos de linha e coluna, em campos de batalha ordenados, e sem

<sup>5</sup> In *War – Continuity in change, and change in continuity*

<sup>6</sup> In *On War* (1827) tradução de J.J. Graham (1873).

grande arte operacional, na procura da conquista de território<sup>7</sup> (Lind *et al*, 1989:22-26). Segundo Clausewitz, a tática de linha e coluna era a forma mais eficaz de quebrar a moral e a força do seu oponente (Breemer, 2000:16)<sup>8</sup>. Após a Revolução Francesa (1789-1799), ocorreram diversas alterações políticas, económicas e sociais. Estas, conjuntamente com as evoluções tecnológicas resultantes da Revolução Industrial, como foi o caso da produção de armas de fogo em larga escala – metralhadoras e artilharia ligeira – o caminho de ferro<sup>9</sup> e os navios de maiores dimensões, permitiram o movimento mais rápido dos exércitos, bem como a capacidade de assegurar a sua sustentação a maiores distâncias; também o telégrafo permitiu aos decisores influenciar as táticas no campo de batalha, consubstanciando a transição entre a guerra limitada e a guerra total (Dignam, 2012:4-5).

A utilização da artilharia rapidamente tornou a tática de linha-coluna obsoleta e o campo de batalha tornou-se desordenado. Estávamos perante o aparecimento das guerras de segunda geração, com a procura incessante da concentração do fogo sincronizado, e das guerras de atiração segundo o lema “*a artilharia conquista e a infantaria ocupa*” (Lind, 2004a:13). É também nesta altura, que surgem a disciplina imposta, a hierarquia, a coordenação e a organização, como alternativa à iniciativa dos soldados - a obediência era melhor acolhida do que a iniciativa (*Ibid*). O desenvolvimento económico e tecnológico permitiu o progresso de sistemas de caminho de ferro e a produção em larga escala de armamento e de munições, projetando a mobilidade estratégica dos exércitos para outro patamar – tornou-se evidente que seria difícil vencer um conflito numa única batalha, e que o campo de batalha presenciava agora, combates de atiração de larga escala (Dignam, 2012:5). Estas alterações foram bem visíveis nos campos de batalha da 1ª Grande Guerra. As armas de fogo foram aumentando o seu ritmo de fogo e precisão – a metralhadora Maxim disparava cerca de 600 tiros por minuto, a uma distância de cerca de 4000 metros<sup>10</sup> – e o mesmo podia aplicar-se à artilharia ligeira, dando uma vantagem acrescida a quem defendia e fazendo com que as incursões da infantaria raramente tivessem sucesso. No mar, os navios com casco de ferro e movidos a turbinas, munidos com peças de artilharia na sua proa, permitiam uma vantagem em alto mar<sup>11</sup>, bem como nas operações junto a costa (Humble, 2004:107).

As guerras de terceira geração, tal como as de segunda geração, são um produto da 1ª Grande Guerra e foram marcadas pela invenção alemã da guerra de manobra - *Blitzkrieg* (Lind, 2004:13). Do ponto de vista tático as operações não se baseavam no poder de fogo, mas sim na velocidade, surpresa e manobra (física e psicológica). O combate deixou de ser linear, de aproximação e destruição, e passou a

---

<sup>7</sup> Exceção feita ao caso de Napoleão Bonaparte.

<sup>8</sup> Citado in “*War as we knew it. The Real Revolution in Military Affairs/Understanding Paralysis in Military Operations*”.

<sup>9</sup> Segundo Massimiliano Onorato, Keneth Sheve e David Stasavage, embora o comboio já tivesse sido usado na Guerra da Crimeia (1856-1859), este terá sido utilizado para transporte de exércitos com maior expressão, pela primeira vez pelos franceses, na campanha de Itália em 1859 (Onorato et al, 2013:4).

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.vickersmachinegun.org.uk/>, consultado em 26 de maio de 2014.

<sup>11</sup> Em 1906, o lançamento à água do HMS Dreadnought, revolucionou a forma de fazer a guerra no mar, com a introdução da propulsão movida a turbinas a vapor e de armas de grande calibre.

estar direcionada para o colapso causado pelo uso da força, no ponto de desequilíbrio do inimigo – o lema era *bypass and collapse instead of close in and destroy*. Nesta geração, a cultura militar focava-se no inimigo, na situação - resultado a alcançar - em vez do método para o atingir.

Liddel Hart explicava, de uma forma simples, o conceito de “*expanding torrent*” (ou a sua interpretação de Sun Tzu), fundamental na teoria da “*blitzkrieg*”: o ritmo de combate deve ser semelhante ao curso de um rio, que naturalmente evita os obstáculos (superfícies), procurando os pontos fracos e os intervalos; depois de ultrapassado o obstáculo, quando encontra esses pontos fracos e intervalos, aumenta a sua velocidade e expande-se. Outro dos princípios chave é a “*Auftragstaktik*”<sup>12</sup>, ou ordem tipo-missão: por forma a explorar as oportunidades e a iniciativa dos subordinados, as ordens limitavam-se a definir a missão e a intenção do comandante. Assim, ficava na mão dos subordinados escolher quais as ações a implementar, por forma a cumprir a missão. Segundo William Lind, no século XIX, durante os jogos de guerra que faziam ao longo das suas sessões de treino os oficiais alemães, eram confrontados com situações que só poderiam ser resolvidas desobedecendo a ordens, contrariamente à disciplina que caracterizava as guerras de primeira geração (Lind, 2004:13).

Também neste caso, a tecnologia desempenhou um papel importante. Durante a Segunda Guerra Mundial, praticamente todos os exércitos eram mecanizados, fazendo com que parecesse que a infantaria tinha sido destronada (Creveld, 2004: 6). O período pós Segunda Guerra Mundial, significou a evolução da aviação para os motores a jato, com maior velocidade e permitindo uma evolução para aeronaves de maiores dimensões, peso e uma performance superior, sendo de ressaltar que, no final do século XX, a capacidade de bombardeamento de um F15, era praticamente equivalente à dos grandes bombardeiros da Segunda Guerra Mundial (*Ibid*). Outro avanço tecnológico importante foi a introdução do helicóptero, permitindo operações de transporte, observação, busca e salvamento, e ataque (*Ibid*).

E o que dizer das guerras de quarta geração?

O sistema internacional, no período pós Guerra Fria sofreu alterações. Os conflitos intraestatais proliferavam, na maioria dos casos provocados por diferendos étnicos, culturais e religiosos, trazendo para as relações internacionais outros atores não estatais, dos quais são exemplo os grupos terroristas, as organizações não governamentais, as organizações internacionais, as instituições religiosas ou as multinacionais, que disputam, juntamente com os Estados, a cena internacional. Perante a perda do monopólio do uso da força e da arte de fazer a guerra, por parte do Estado, o campo de batalha tornou-se disperso e não linear; a conflitualidade apresenta, hoje, diversos níveis de intensidade, e o desgaste arrasta a duração do conflito (conflitos de baixa intensidade)<sup>13</sup> – veja-se o exemplo do Afeganistão, do Iraque, da Líbia ou da Síria. Hoje, a guerra interestatal é uma exceção, e permite a

---

<sup>12</sup> Termo desenvolvido pelos alemães para caracterizar “ordens tipo missão”, descentralizando a decisão da guerra aos diversos níveis da hierarquia. À medida que aumentava a eficácia e a capacidade de destruição das armas, o campo de batalha tornou-se desordenado, dificultando aos comandantes das brigadas, das divisões, o controlo das suas tropas, obrigando os jovens oficiais que comandavam estas forças a tomar decisões de forma isolada (Nelsen, 1987:21-23)

<sup>13</sup> *Low intensity conflict*.



proliferação dos conflitos internos, como é o caso da Chechênia, da Abecásia, ou da Ucrânia. Não quer isto dizer que o terrorismo ocupou o lugar da guerra convencional, mas sim, que utiliza técnicas e táticas (assimétricas), por forma a delapidar os pontos fortes do seu opositor e a explorar as suas fraquezas (Qureshi, 2010:4-5).

No entanto, tal não significa que a guerra clássica não esteja presente; veja-se, por exemplo, os casos da Guerra do Iraque em 2003, ou da Líbia em 2012. Os avanços tecnológicos, muito frequentemente designados por RAM - Revolução dos Assuntos Militares – possibilitam hoje, um alcance superior das armas, um maior poder de fogo e de precisão, uma maior flexibilidade e autonomia, a exploração do espaço e a redução de baixas – *zero casualties policy*. O desenvolvimento de mísseis de todos os tipos (ar-ar, superfície-superfície, de cruzeiro, balísticos, entre outros), das armas de precisão e das contra-medidas electrónicas capazes de lhes fazer frente, bem como a utilização dos satélites (transportando a guerra para o espaço), e os veículos aéreos não tripulados capazes de transportar mísseis e conduzir ataques a partir de centros de comando e controlo com elevada capacidade de integração de sistemas a milhares de quilómetros de distância, alteraram a forma de conduzir a guerra. Uma vez mais, estes avanços tecnológicos foram acompanhados da evolução ao nível da organização, da doutrina, do treino, catapultando as Forças Armadas para uma outra dimensão da sua eficácia.

Tal como é referido por Hammes (2007), as guerras de quarta geração utilizam todas as ligações possíveis – políticas, económicas, sociais e militares – no sentido de convencer os decisores políticos do opositor, que os seus objetivos estratégicos são inatingíveis ou que acarretam custos demasiado elevados para os benefícios que daí possam advir.

Assim, as operações de informação – aquisição, proteção e compreensão da informação – desempenham um papel fundamental na condução da guerra, procurando sobretudo, negar ao inimigo o uso das suas armas, do seu espaço e, muitas vezes, a manobra da informação sobrepõe-se à manobra no terreno. O campo de batalha é hoje, um “sistema de sistemas” baseado no comando e controlo: a guerra é global, assimétrica, permanente e sem origem clara ou definida; reinam as ameaças transnacionais e polimorfos.

### **Uma nova geração da guerra?**

Quando em 1989 foi publicado o artigo “*The changing face of war: into the fourth generation*”<sup>14</sup>, os autores anteciparam que a guerra de quarta geração poderia evoluir para uma situação em que as forças armadas, representantes legítimos de atores estatais, entrariam em confronto com atores não-estatais, enfrentando dificuldades na imposição de uma derrota, dada a combinação de táticas letais e não letais utilizadas por estes últimos atores (Anderson, 2013). Martin Van Creveld, John Keegan e Mary Kaldor foram mais longe, antevendo o fim das guerras interestatais e, como tal, assumindo que estaria a terminar o monopólio dos estados no uso da violência (Strachan, 2007: 7), e assim o fim da paz de Vestefália.

---

<sup>14</sup> LIND, William S; NIGHTENGALE, Keith; SCHMITT, John F.; SUTTON, Joseph W.; WILSON, Gary I. *The Changing Face of War: Into the Fourth Generation. Marine Corps Gazette*. Oct. 1989: pags. 22-26.

Mary Kaldor (2013: 7) reitera a afirmação anterior, recorrendo à análise de três bases de dados relativas aos “números da guerra”<sup>15</sup>. Assim, afirma que essas fontes são concordantes relativamente às seguintes conclusões:

- O desaparecimento de guerras entre estados;
- O declínio de guerras de alta intensidade, envolvendo mais de mil mortes, num período de doze meses.

Os dados apresentados baseiam-se na definição de guerra como um confronto violento, envolvendo um certo número de baixas, em que uma das partes envolvidas é um ator estatal. Em nossa opinião, não se considera que estejamos perante o fim do monopólio do uso da força pelo estado. Podemos por outro lado, afirmar que os estados continuam a ser uma peça fundamental no sistema internacional; no entanto, o uso da força está limitado pelas organizações internacionais das quais esses estados são parte integrante.

Anderson (2013) afirma que as guerras modernas, nas quais irão combater as nossas forças armadas, serão assimétricas em número e tecnologia. O confronto será nos domínios cognitivo, social e cibernético, e numa segunda instância acontecerá no campo de batalha físico.

A maioria das guerras que são travadas hoje têm causas tradicionais – etnia, religião e soberania (Strachan, 2007:27). No entanto, contrariamente ao que sucedia com as “guerras antigas”, com objetivos definidos e com vitórias alcançadas por atos extremos de uma das partes envolvidas, as “novas guerras” têm tendência a perdurar no tempo, sem que haja uma vitória explícita, ou a ser recorrentes, desde que uma das partes envolvidas retire dividendos políticos ou económicos com a continuação dos atos de violência (Kaldor, 2013:2-3). São as guerras da era da globalização.

De acordo com Lind (2004), alguns autores consideram que estamos a entrar nas guerras de quinta geração, descrevendo-as como um produto das novas tecnologias; outros, definem-nas como o produto do esforço dos estados na manutenção do monopólio do uso da força e da organização social vigente. Há ainda quem as defina como um ato terrorista perpetrado por um grupo, de forma a atribuir as culpas a outro grupo (as chamadas pseudo-operações).

Desde o início da era da guerra moderna (paz de Vestefália), temos assistido a uma clara transformação do carácter da guerra (Lind, 2004), com introdução de novos atores, novos objetivos e novos métodos (figura 2), impulsionada por alterações do contexto político/social ou alterações na forma de confrontar o inimigo; a guerra de quarta geração, poderá marcar o fim dessa era.

---

<sup>15</sup> As bases de dados em causa foram: Uppsala Conflict Data Programme (UCDP); Correlates of War Project; Peace and Conflict Survey.

Os atores não estatais envolvidos nas guerras de quarta geração recorrem a novos princípios de organização: não estão restringidos pelas responsabilidades de um estado, e não estão limitados pelo sistema internacional. Assim, desafiam o sistema de Vestefália.



**Figura 2 - Gerações da Guerra**

Apesar de todas as inovações tecnológicas a que assistimos nos últimos anos, não consideramos que, *per se*, tenham necessariamente contribuído para uma transformação da guerra. Essas alterações podem ter introduzido melhorias no ciclo de decisão, ou mesmo maior precisão no emprego de armas, sem contudo ter significado uma transformação da guerra, “por quem se combate, “porque” se combate ou “como” se combate.

## Conclusões

A Guerra é um fenómeno ancestral e a história tem-se encarregado de nos mostrar que, independentemente dos atores que a conduzem, sejam eles tribos, mercenários ao serviço da coroa, Cidades-Estado, Estados, grupos terroristas, todos têm uma motivação inerente para fazer a guerra – a inveja, o ódio, a arrogância, a ganância - tornando-as assim únicas no tempo e no espaço.

A guerra representa um conflito de ideias, de vontades, as quais estão inseridas num dado contexto político-social, económico, geográfico, geopolítico, religioso, cultural e histórico. Como tal, pretendemos dizer que a natureza da guerra é perene ao longo dos tempos, mudando sim o seu carácter, *i.e.*, os meios para atingir os fins, as tecnologias aplicadas, bem como as tácticas, os procedimentos e a organização para a sua condução.

Quando nos propusemos a analisar a transformação da guerra desde a Primeira Grande Guerra até às guerras da atualidade procurámos respostas à forma como o fenómeno da guerra evoluiu desde então, como se alterou a natureza das ameaças e a forma de as combater.

O resultado a que chegámos permitiu-nos concluir que, independentemente das evoluções tecnológicas e dos atores envolvidos, a natureza da guerra manteve-se intacta, sendo claro que a sua condução pressupõe a prossecução de objetivos, ou seja, e parafraseando Clausewitz: “*a continuação da política por outros meios*”. O que é

possível observar ao longo das várias gerações da guerra é uma alteração do seu carácter, decorrente das diversas transformações ocorridas na forma de combater, por quem se combate, ou quem combate, transformações estas impulsionadas por alterações ocorridas ao nível da organização político-social, bem como das tácticas e dos procedimentos para combater, impulsionadas pelo desenvolvimento tecnológico.

Desde os exércitos mercenários de conscrição da Guerra Civil Americana, os quais sucederam aos nobres e mercenários fieis à coroa, que se movimentavam em linha e coluna, num campo de batalha ordenado e sem grande domínio da arte operacional, na procura da conquista do território, evoluiu-se para os exércitos em massa da Revolução Francesa, com maior mobilidade, munidos com armas de fogo de larga escala, com maior poder de fogo, apoiados por comboios ou navios de turbinas a gás, capazes de assegurar sustentação logística por maiores períodos e a maiores distâncias, convertendo a Guerra Limitada numa Guerra Total, jogada num campo de batalha desordenado.

Seguiu-se a guerra de manobra Alemã – *Blitzkrieg* – que consubstanciava a surpresa e a manobra baseada não no poder de fogo (concentrado) mas sim na velocidade, passando o combate a ter foco no colapso do opositor pelo uso da força no seu ponto mais frágil. Também nesta altura, a tecnologia foi fulcral na transformação da forma de combater. Aquando da Segunda Guerra Mundial praticamente todos os exércitos eram mecanizados, destronando assim a infantaria. O período que se seguiu trouxe a evolução da aviação para os motores a jato, com maior velocidade, capacidade de manobra e de armamento.

A alteração do Sistema Internacional no período pós-Guerra Fria retirou notabilidade aos Estados como entidade detentora do monopólio do uso da força disputando, agora, a arena das relações internacionais com outros atores não estatais, diversas vezes apelidados de insurgentes, terroristas ou criminosos, que procuram a desintegração da coesão moral que mantém os Estados, e que não reconhecem as normas internacionais que regulam a guerra entre Estados, pondo em risco o *status quo* existente desde 1648. Perante este cenário, o campo de batalha tornou-se complexo, incerto, disperso e não linear, sendo hoje visível que a conflitualidade apresenta diversos níveis de intensidade, num espectro que abrange desde a Guerra do Iraque, ao Afeganistão, ou à Síria, onde perduram os conflitos de baixa intensidade, as técnicas e as tácticas assimétricas tentam enfraquecer os opositores, as guerras convencionais deram lugar às guerras irregulares.

De igual modo, são frequentemente utilizados outros instrumentos para influenciar os opositores, para além do instrumento militar, sejam eles instrumentos políticos, económicos, sociais, tentando desta forma fazer crer aos seus opositores que os custos da conflitualidade poderão não ser compensados pelos benefícios que possam daí advir – é a guerra da informação.

Torna-se pois evidente que ao longo das épocas, e independentemente da geração da guerra de que estejamos a falar há uma constância na alteração do carácter da guerra, ou seja, a mudança de atores, de objetivos ou de formas de fazer a guerra. A tecnologia revela-se uma peça chave, na alteração da utilização dos meios através dos quais a guerra é conduzida, embora o contexto em que ela decorre também o seja. A tecnologia, aliada ao desenvolvimento de novas doutrinas e organização, conduz a mudanças na forma de conduzir a guerra, o *warfare*, mais ou menos lentas

através de gerações, mas que de qualquer modo afetam a arte operacional e a articulação entre os objetivos militares e os estratégicos.

Nesta altura, somos levados a concluir que estamos atualmente perante guerras de quarta geração, que se desenvolvem em ambientes complexos e imprevisíveis, de ameaças polimorfas, onde é difícil fazer a distinção entre combatentes e não combatentes e onde os Estados, recorrendo a diversos instrumentos que não somente o militar se digladiam com outros atores não estatais.

As guerras da atualidade requerem mais do que avanço tecnológico, necessitam de uma nova forma de pensar e de operar que nos permitam ter sucesso neste novo campo de batalha.

## Bibliografia

ANDERSON, Gary (2013). *The End of the Peace of Westphalia: Fourth Generation Warfare*. *Small Wars Journal*. [Em linha] disponível em: <http://smallwarsjournal.com/jrnl/art/the-end-of-the-peace-of-westphalia-fourth-generation-warfare>, [Acedido em 20 maio 2014].

BREEMER, Jan (2000). *War as we knew it. The Real Revolution in Military Affairs/Understanding Paralysis in Military Operations*. Occasional paper No19. Center for Strategy and Technology. Air War College. [Em linha] disponível em: <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/cst/cs19.pdf>, [Acedido em 20 maio 2014].

BUZAN, Barry (1983). *“People, States and Fear: The National Security Problem in International Relations”*. Essex, ECPR Press.

CREVELD, Martin (2004). *Modern Conventional Warfare: An Overview*. [Em linha] disponível em: [http://www.offnews.info/downloads/2020modern\\_warfare.pdf](http://www.offnews.info/downloads/2020modern_warfare.pdf) [Acedido em 27 maio 2014].

DIGNAM, David (2012). *The Evolving Operational Paradigm And The Irish Defence Forces*. [Em linha] disponível em: [http://www.military.ie/fileadmin/user\\_upload/documents/academic\\_conference/THE\\_EVOLVING\\_OPERATIONAL\\_PARADIGM.pdf](http://www.military.ie/fileadmin/user_upload/documents/academic_conference/THE_EVOLVING_OPERATIONAL_PARADIGM.pdf) [Acedido em 23 maio 2014].

DUBIK, J. (2002). *Has warfare changed? Sorting Apples from Oranges*. Landpower Essay. An Institute of Land Warfare Publication. N° 02-3. July 2002.

GRAY, Colin (2010). *War – Continuity in change, and change in continuity*. [Em linha] Disponível em: <http://strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/parameters/articles/2010summer/gray.pdf> [Acedido em 31 de maio de 2014]

GRAHAM, J (1873). *Clausewitz On War*. [Em linha] disponível em: <http://www.clausewitz.com/readings/OnWar1873/BK1ch01.html> [Acedido em 30 de maio de 2014]

HAMMES, T. X. (2007). *Fourth Generation Warfare Evolves, Fifth Emerges*. *Military Review* (May/June 2007). [Em linha] disponível em: [http://www.army.mil/professionalWriting/volumes/volume5/july\\_2007/7\\_07\\_1.html](http://www.army.mil/professionalWriting/volumes/volume5/july_2007/7_07_1.html) [Acedido em 28 maio 2014].

HUMBLE, Richard (2004). *“Naval Warfare: An Illustrated History”*. S. Webb & Son.

- KALDOR, Mary (2013). *In defence of new wars. Stability*, 2(1): 4, pp. 1-16.
- KAGAN, Donald (1995). *The origins of war and the preservation of peace*. [Em linha] disponível em: <http://www.unz.org/Pub/AmSpectator-1995may-00066> [Acedido em 1 junho 2014].
- LIND, William S.; NIGHTENGALE, Keith; SCHMITT, John F.; SUTTON, Joseph W.; WILSON, Gary I (1989). *The Changing Face of War: Into the Fourth Generation. Marine Corps Gazette*. Oct. 1989: pp. 22-26.
- LIND, William S. (2004). *Fifth generation warfare?* [Em linha] disponível em: <http://archive.lewrockwell.com/lind/lind9.html> [Acedido em 27 maio 2014].
- LIND, William S. (2004a). *Understanding fourth generation war*. *Military Review*. September-October 2004. [Em linha] disponível em: <http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/milreview/lind.pdf> [Acedido em 27 maio 2014].
- MOITA, Luís (2012). Uma releitura crítica do consenso em torno do “sistema vestefaliano”. *JANUS.NET. e-Journal of International Relations. OBSERVARE*. Universidade Autónoma de Lisboa. Vol.3, nº2 (outono de 2012), pp.17-43.
- NELSEN, John (1987). *Auftragstaktik: a case for decentralized battle*. [Em linha] disponível em: <http://strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/parameters/Articles/1987/1987%20nelse n.pdf> [Acedido em 26 maio 2014].
- ONORATO, Massimiliano, SHEVE, Keneth, STASAVAGE, David (2013). *Technology and the Era of the Mass Army*. [Em linha] disponível em: <http://www.politics.as.nyu.edu/docs/IO/5395/MOKSDS-JLR-DS-KS.pdf> [Acedido em 25 maio 2014].
- QURESHI, Mehvish (2010). *Pakistan (Counter Terrorism Operations) in the Context of Fourth Generation Warfare: Challenges and Opportunities*. Institute for Strategic Studies, research and Analysis (ISSRA). National Defence University Islamabad. [Em linha] disponível em: [http://www.ndu.edu.pk/issra/issra\\_pub/Monograph\\_Vol\\_I\\_Issue\\_I.pdf](http://www.ndu.edu.pk/issra/issra_pub/Monograph_Vol_I_Issue_I.pdf) [Acedido em 28 maio 2014].
- STRACHAN, Hew (2007). *The Changing Character of War*. Europaem. Oxford.  
<http://www.europaem.org/files/publications/pamphlets/HewStrachan.pdf>
- TUTUIANU, Simona (2013). *Towards Global Justice: Sovereignty in an Interdependent World*  
[Em linha] disponível em: <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCAQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.springer.com%2Fcd%2Fcontent%2Fdocument%2Fcd%2Fdownloadaddocument%2F9789067048903-c2.pdf%3FSGWID%3D0-0-45-1355482-p174548455&ei=V6naU4T4CpCV0QXRIIFI&usg=AFQjCNft2SZ9V7P7kUI6BtPPRkcITLLjVg&sig2=89RAYrIxBPiQLKCs1nKBQ&bvm=bv.72185853.d.d2k> [Acedido em 30 maio 2014].